



NEM FOGO NEM SANGUE NAS FLORESTAS E NO CAMPO

No Dia Internacional dos Direitos Humanos e na semana em que somos mais de 60 organizações de 13 países reunidas na Guatemala em torno da Rede América Latina Alternativa Social – ALAS, recebemos a notícia de mais quatro assassinatos em conflitos por territórios na Amazônia brasileira: Marcio Rodrigues dos Reis, trabalhador rural, assassinado no município de Anapu, no estado do Pará, no último dia 4; os caciques Firmino Praxede Guajajara e Raimundo Belnício Guajajara, indígenas, assassinados no município Jenipapo dos Vieiras, no Maranhão, no dia 7; o indígena Humberto Peixoto, do povo Tuiuca, do Amazonas, que trabalhava na Cáritas Arquidiocesana, morto também no dia 7, após ser espancado no dia 2.

Desde a Guatemala, expressamos nossa solidariedade às famílias dos mortos, aos seus companheiros na luta pela terra e aos povos Guajajara e Tuiuca. Mas expressar solidariedade neste momento não é suficiente.

É preciso denunciar que os casos são exemplares do que ocorre em grande parte da Amazônia, que se encontra em intensa disputa fundiária. Latifundiários, grileiros e madeireiros apropriam-se de grandes áreas públicas e invadem territórios camponeses e indígenas para extrair madeira, desmatar, especular, transformar a floresta em pastagem. Grileiros e madeireiros não deixam em paz nem mesmo as áreas que o Estado brasileiro já destinou a famílias camponesas, tampouco as terras indígenas e quilombolas demarcadas. Esses grupos operam como verdadeiras máfias, muitas vezes com apoio das polícias e do poder local.

Como denunciam organizações e militantes brasileiros, sua atuação violenta, que inclui torturas, sequestros, ameaças, atentados e agressões, ganha incentivo com o discurso e as práticas de ódio do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro, que tem como inimigos os povos originários e os que lutam por um pedaço de chão e vida digna. O presidente brasileiro tem prometido armar justamente aqueles que têm empreendido ações criminosas contra os povos do campo e das florestas.

O governo extremista objetiva retirar as garantias legais de acesso a terra e a paz no campo, decidindo por legalizar o ilícito dos agentes da violência. Se tornam mais numerosos os casos em que processos judiciais são abertos e conduzidos para tirar a liberdade e criminalizar lideranças dos movimentos sociais, convertendo agentes de justiça em prepostos mafiosos.

A mesma política racista também é levada a cabo contra favelados e a população negra periférica das cidades brasileiras, que vem sendo assassinada, invisibilizada e segregada em suas comunidades.

Anapu, onde Marcio morreu, é o mesmo município onde irmã Dorothy Stang foi assassinada em 2005 por seu apoio às famílias em luta pela terra na região. Marcio é o 15º trabalhador assassinado nos últimos quatro anos em Anapu, no intenso conflito por terra.

No Maranhão, indígenas de diversos povos enfrentam risco de vida ao empreenderem a defesa de seus territórios, diante da ineficiência do Estado brasileiro em protegê-los. No mês passado, o povo Guajajara já havia perdido assassinado um de seus guardiões da floresta, Paulo Paulino, crime ainda não esclarecido. Com as mortes desta semana, são 13 indígenas assassinados no estado apenas neste ano.

A Amazônia ganha centralidade nos debates sobre a catástrofe climática. É preciso que o mundo saiba que a floresta não é composta apenas de árvores e animais exóticos. Ela é composta de gente, gente que luta pela vida, pela terra, pelos territórios, pelos encantados que ali vivem, pela floresta que lhes dá sustento. Gente que está sendo ameaçada, assassinada e criminalizada, levada à prisão, como o próprio Marcio, preso duas vezes. Gente que cumpre o papel de segurar o avanço dos invasores que enxergam a floresta como mercadoria e os povos camponeses e originários como entraves ao lucro e ao desenvolvimento.

Nosso apelo é para que o mundo perceba que não se pode proteger a Amazônia sem proteger sua gente.

Guatemala, 10 de diciembre de 2019

Para constancia firmamos más de 60 organización de América Latina

ACIJ-Asociación Civil por la Igualdad y la Justicia

La Alameda

MTE -CTEP Movimiento de trabajadores excluidos

Fundacion MULTIPOLAR

APEA - Acción Por una Educación Activa

Colectivo Casa

Movimiento Afroindigena Yabatach

RENAMAT

Sagrada Esperanza - Colectivo Fala Acari

Comissão Pastoral da Terra

IBCM-Instituição Beneficente Conceição Macedo

Associação Catarinense

UERJ-Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CPDH Nacional

ACEU - Asociación Colombiana de Estudiantes Universitarios

HIJOS

CAJAR-Colectivo de Abogados “José Alvear Restrepo”

FIS-Fundación Impacto Social

ASONAM - Asociación Nacional de Mujeres Colombianas

Comision Interclesial Justicia y Paz

MOVICE-Movimiento de Víctimas de Crímenes de Estado

MAFAPO – Madres de Soacha

PDPMN-Programa de Paz de Magdalena Medio
Corporacion Kimirina
Movimento Salvadoreño de Mujeres

ASFADEC

CINDE-Centros Infantiles de Desarrollo

Fundacion Nueva Vida

Coordinadora nacional proyecto Menores y Justicia – IILA

Irreal Teatro

Asociación para una Sociedad más Justa (ASJ)

Sikanda

Caravana Migrante

Ciudad Retoño / Cauce Ciudadano

Alta Escuela para la Construcción de Paz

Brigada Nacional de Búsqueda de Personas Desaparecidas

CONFENIAE

Brigada Humanitaria de Paz Marabunta

CEPIADET

Movimiento Nac. por nuestros desaparecidos en México

Coordinadora Civil

ORPOIN-Organización Popular Independiente AC

CEPROF

Articulación de Movimientos Sociales

COLOR ENERGIA

Asociacion de Educadores Comunitarios de Cusco

CONAVIP

Comision de derechos Humanos (RD)

TARPURISUNCHIS

MOJOCA-Movimiento de Jóvenes de la Calle

GRUPO CEIBA

Instituto de Estudios Comparados en Ciencias Penales

Caras Alegres – Xela

Juventud Obrera Cristiana

ODHAG

SEDEM Seguridad en Democracia

Sulla Strada

Libera

Gobierno Ancestral Comunidad Indigena de Chuarrancho